

Revista de Antropologia

CONHECIMENTO MICOLÓGICO DOS ÍNDIOS BRASILEIROS

Author(s): Oswaldo Fidalgo

Source: *Revista de Antropologia*, 1967-68, Vol. 15/16 (1967-68), pp. 27-34

Published by: Revista de Antropologia

Stable URL: <https://www.jstor.org/stable/41615825>

JSTOR is a not-for-profit service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content in a trusted digital archive. We use information technology and tools to increase productivity and facilitate new forms of scholarship. For more information about JSTOR, please contact support@jstor.org.

Your use of the JSTOR archive indicates your acceptance of the Terms & Conditions of Use, available at <https://about.jstor.org/terms>



Revista de Antropologia is collaborating with JSTOR to digitize, preserve and extend access to *Revista de Antropologia*

JSTOR

CONHECIMENTO MICOLÓGICO DOS ÍNDIOS BRASILEIROS *

Oswaldo Fidalgo

Biologista-Chefe da Secção de Criptógamos,
Instituto de Botânica de São Paulo

Etnològicamente, os povos têm sido distribuídos pelos micologistas modernos em duas categorias distintas, a saber: (1) povos micófilos, que sempre demonstraram especial atração pelos fungos, incluindo-os com destaque nas suas crenças, medicina e alimentação; (2) povos não micófilos, que nunca manifestaram qualquer interêsse pelos fungos, mas, ao contrário, chegam até mesmo a fazer sentir sua aversão por êles.

As antigas civilizações do Nôvo Mundo podem ser classificadas como não micófilas, fazendo exceção os aborígenes do México, para os quais os fungos tinham um significado todo especial, "permitindo-lhes, até mesmo, falar com seus deuses" (Heim, 1957). Historiadores europeus tomaram conhecimento dêste fato desde 1502, por ocasião da coroação do rei Montezuma II, durante a qual houve uma ingestão de fungos halucinogênicos (*teo-nanácatl*) tão exagerada por parte da população que acarretou, nos estados depressivos subseqüentes, uma onda de suicídios em massa (Heim, 1957).

Dos nossos índios, salvo poucas e esparsas indicações, nada se sabe a respeito de algum interêsse maior para com os fungos. Ao que consta, apenas esporadicamente é notado o uso de algum fungo na sua medicina ou alimentação.

Não se pode dizer que os fungos fôssem totalmente desconhecidos do silvícola brasileiro, pois em dicionários de diversos idiomas indígenas encontramos vários têrmos correspondentes a fungos. Entre os Mundurucú foram assinalados (Mense, 1947: 122) nada menos que doze vocábulos correspondentes a diversos tipos de fungos, a saber:

ipi-röp-rö'p
ana-biuang-tö'p
crepuru-rö'p
ipi-rabic bic-a-rö'p

*) O autor gentilmente nos concedeu a permissão de reproduzir, para melhor conhecimento dos antropólogos, êste trabalho originalmente publicado em *Rickia* 2: 1-10, 1965.

dacha-mang-á-rö'p
huare-rö'p
huare-rarem-tö'p
huei-rari-a-rö'p
buma-rö'p
tarec-tö'p
tarec-curup-tö'p
huanta-uhu-aie-niei-bö-rö'p

Entre os Carajá, índios que habitam a região do rio Araguaia, do rio das Mortes até seu curso superior, Machado (1945: 63, 67, 68, 92, 100, 109, 122; 1950: 150, 153) anotou vários nomes dados para fungos superiores. Assim *anaté-do-rrô* designa um cogumelo luminescente comum às margens do Araguaia e afluentes; para os cogumelos de chapéu (Agaricaceae) em geral, usam a expressão *su-do-rrô*, enquanto para as orelhas de pau (em sua maioria Polyporaceae) empregam o termo *a-do-rrô* (às vezes dizem também *re-do-rrô*). Mais tarde (Machado, 1954), esclarece que *e-do-rrô* se aplica ao *Polyporus sanguineus* (L.) ex. Fr., enquanto *e-do-rrô-ni* se refere às formas pereniais de Polyporaceae.

Em ambas as línguas podemos notar uma terminação constante nos vocábulos designativos de fungos, representados na língua mundurucú por *rö'p* e *tö'p* e por *do-rrô* entre os Carajá.

No grupo tupi-guarani verifica-se (Montoya, 1876) que os termos designativos de fungos derivam de um prefixo: *urupé*¹. Assim temos: *urupê-nambi*, *urupê-a*, *urupê-ró*, *urupê-tĩ* e *urupê-nambi-abi*. Pardal (1937, 108), citando Bertoni, adiciona outros vocábulos usados por este grupo, ou sejam, *urupê-nunga-takuapi-rogwé* e *urupê-ró-phitá*, este último aplicado ao *Polyperus coccineus* Fr. (não Speg. como indicado no trabalho). Comenta também que o *Geaster saccatus* Fr. é conhecido com *ihvih yotih*, o que em língua indígena significa “flor da terra” e constitui uma exceção no vocabulário tupi-guarani aplicado aos fungos. Stradelli (1929) cita do nheêngatu as variantes *gurupê* e *urupê-ua* que são empregadas principalmente para designar os fungos achatados de tipo “orelha de pau”. Barbosa Rodrigues (1905) esclarece que *urupê* significa etimologicamente “vasos da casca” (*iru* = vaso; *pê* = casca) e adiciona ainda: *urupê-rob* (amargo) = *Agaricus* sp.; *urupê-tinga* (branco) = *Cantharellus* sp.; *urupê-nambi* (de orelha) = *Polyporus* sp.; *urupê-piranga* (vermelho) = *Polyporus* sp.

Segundo Martius (1939) o “índio atribuía às plantas e a algumas partes das mesmas, de côr vermelha, uma relação com o sangue” explicando-se assim o emprêgo, contra a hemoptise, de *Pycnoporus sanguineus* ([L.] Fr.) Murr, conhecido como *urupê-tauá*. Peckolt & Peckolt (1888) oferecem informações mais precisas indicando que *Polyporus coccineus* Fr.

e *Geaster saccatus* Fr. são os fungos usados para tratar hemorragias e distúrbios uterinos.

Roquette-Pinto (1938: 188) relata que os índios Nambiquara, que vivem nas proximidades do rio São Miguel, afluente do Guaporé, na fronteira do Mato Grosso com a Bolívia, apresentam uma dermatomicose endêmica, por eles conhecida como *chimberê* e que nada mais é do que *tinea imbricata* (*Trichophyton concentricum* Blancherd), vulgarmente chamada de tokeláu, por ter sido observada, previamente, entre os indígenas do Arquipélago de Tokeláu no Oceano Pacífico. Fala também da ocorrência de outra dermatomicose esfoliativa entre eles, talvez uma *tinea* vizinha, conhecida como *báanêcêduu*. O *chimberê* foi descrito como *Endodermophyton roquettei* Fonseca, mas, segundo Lacaz (1960: 160), dadas as semelhanças culturais, deve ser incluído na sinonímia de *T. concentricum* Blanchard. Informações adicionais e bibliográficas sobre este assunto podem ser obtidas em Almeida (1939) e Lacaz (1960).

Recentemente, através de relatório de Mee (relatório inédito, SP 626/1962, da Sra. Margaret Ursula Mee, ilustradora botânica de nacionalidade inglesa contratada pelo Instituto de Botânica de São Paulo) tomamos conhecimento do emprêgo de um fungo, que ocorre no Mato Grosso e no Amazonas, *Trametes cupreorosea* (Berk.) Lloyd, em doenças próprias do sexo feminino, conforme informado por caboclos da região que, segundo tudo indica, obtiveram estes ensinamentos por parte dos índios Canoeiros, denominação popular da tribo dos Erigpaktsa, do Alto Juruena, que vivem próximos à Cachoeira de Dois Irmãos, no Município do Aripuanã, Mato Grosso.

Poucas são as informações sobre o emprêgo de fungos na alimentação pelos índios. Assim, por exemplo, Spix & Martius (1938, 3: 296) comentam ser hábito, entre os índios Maué, logo que se declara a gravidez, submeter-se o casal a rigorosa dieta constituída de formigas, cogumelos e guaraná, enquanto Roquette-Pinto (1917) menciona ter achado uma orelha de pau (*Polyporus* sp.) ao lado de feijões de aspecto exótico, numa das aldeias de índios da Serra do Norte (Nambiquara), Município de Aripuanã, Mato Grosso, que eram utilizados na alimentação. Esta informação êle repete mais tarde (1938: 276-277) com algumas minúcias adicionais, entre as quais, o número de coleta (181), e número sob o qual foi incorporado à coleção antropológica (13569), além de uma figura esquemática com a legenda: "*Arezi cogumelo (Polyporus* sp.) de que se alimentam os índios da Serra do Norte". A figura em questão sugere um *femóide*, ou seja, uma *Polyporacea* parenial e lenhosa. Conseguiu o autor do presente trabalho localizar este espécime na Divisão de Antropologia do Museu Nacional, Rio de Janeiro, Estado da Guanabara e verificou tratar-se realmente, de *Gloeo-porus conchoides* Mont., espécie bem tenra quando fresca e, ao que tudo in-

dica, esta é a primeira notícia do seu emprêgo na alimentação pelo homem. Na etiqueta prêsa ao material, lê-se: “*Arezi* dos Tautitê, *acebi* dos Sabanê — col. Rondon. 1912”.

Roquette-Pinto (1938: 233) assinala também que Tagnaní e Tautitê, grupos pertencentes à tribo dos Nambiquara, comem certo cogumelo que os outros não aproveitam (*Polyporus* sp.). Lévi-Strauss (1946a, 3: 373; 1946b, 6:481) informa que os Nambiquara consideram certos cogumelos fervidos como verdadeiros acepipes, o mesmo ocorrendo com os Amniapá do Guaporé. Esta informação de certo modo confirma a tendência dos Nambiquara de empregarem fungos na alimentação e de uma forma mais acentuada, em contraste com o que se observa em geral entre as demais tribos brasileiras. Por outro lado, convém ressaltar serem os Nambiquara, dos índios brasileiros, os de costumes mais primitivos, sob certos aspectos.

Banner (1957: 40), por sua vez, conta que no mito sôbre a origem da lavoura se relata o emprêgo de fungos na alimentação por parte dos índios Kayapó quando, de início, na falta de melhores alimentos, se nutriam com farelo de palmeiras em decomposição, de largatas e de “orelha de pau”.

Neste particular convém também mencionar alguns dados fornecidos por Spruce e citados por Berkeley (1856: 129-130): “os índios Tucanos chamam os fungos de *dich-thybaki*, conforme falado na metade inferior do Rio Uaupés, enquanto, por todo o Amazonas e Rio Negro são chamados, na língua geral, de *urupê*; junto à Cachoeira Jauaretê² (= tigre) soube que, por ocasião da estação úmida, duas espécies de fungos que cresciam debaixo de pés de umari (*Humirium* sp.)³, eram comidas. Por ser novembro⁴, não foi possível encontrá-los, porém, segundo a descrição dada, conjeturo pudessem ser, um agárico e o outro alguma coisa semelhante à *Fistulina*”.

Mais tarde (Berkeley, 1856: 194-195), referindo-se a material coletado por Spruce em Panuré, sob o nº 212, em janeiro de 1853 e que Berkeley descreve como *Polyporus (Pleuropus) pes-simiae* n. sp., destaca o fato de que os índios o conheciam muito bem sob o nome de *coatá-pô*, o qual deve ser traduzido como mão (pé) de macaco, pois usam o termo *coatá* para indicar um macaco negro da região. Informações imprecisas fornecidas por Brade (1930) e Sampaio (1944) nos dão conta de um possível emprêgo de *Polyporus sapurema* Moell, na alimentação por parte de índios brasileiros, razão pela qual esta espécie é vulgarmente também conhecida como “pão dos índios”. Suspeita-se também, que esta espécie tenha sido por eles utilizada para afiar instrumentos (Viégas, 1959: xxxv), pois constituiria a chamada “pedra flexível” referida pelo Padre Anchieta.

Na recente enciclopédia sôbre os índios Borôro, que habitam o interior do Mato Grosso, Albisetti & Venturelli (1962, 1: 15, 388, 688) mencionam

alguns dados relativos a fungos. Os Borôro designam fungos de cheiro fétido pela expressão *aidúdu*, cuja etimologia não é conhecida; aos que, quando novos, mostram forma esferoidal, chamam de *bóe etáo*, ou seja, etimologicamente, *boé* = índios Borôro, *et* = (d)êles, *áo* = cabeça, o que, em outras palavras, significaria serem fungos “semelhantes à cabeça de índios Borôro” (considerando-se que esta definição, possivelmente, deve abranger tanto Agaricales como Gasteromycetes); quanto àqueles por nós conhecidos vulgarmente como “orelha de páu”, constata-se que os Borôro empregam, em sua língua, exatamente a mesma expressão, qual seja, *jerigi bia* (*ji* = sua; *erigi* = lenha sêca; *bia* = orelha, portanto, orelha de lenha sêca).

Dos dados retro mencionados, numerosas conclusões poderão ser tiradas: (1) é lícito supor-se haver maior conhecimento e aplicação dos nossos fungos por parte dos índios do que divulgado em literatura, se levarmos em consideração que poucas foram, relativamente, as expedições científicas feitas entre os nossos índios visando à obtenção de seus conhecimentos botânicos e, praticamente, nenhuma delas feita por um micologista. Na base dos atuais conhecimentos, os Nambiquara mostram-se com um certo destaque sôbre as demais tribos, no que diz respeito ao emprêgo de fungos na alimentação; (2) salvo as menções relativas ao *Pycnoporus sanguineus* ([L.] Fr.) Murr. (= *Polyporus coccineus* Fr. e *Polyporus sanguineus* (L. ex Fr.), um fungo facilmente reconhecível, à *Trametes cupreoreosa* (Berk.) Lloyd, ao *Geaster saccatus* Fr., ao *Polyporus pes-simiae* Berk., ao *Gloeoporus conchoides* Mont. e ao *Polyporus sapurema* Moell., as demais identificações só podem ser tomadas em consideração para caracterização do grande grupo a que pertencem, faltando, portanto, uma conexão entre os nomes indígenas e seus equivalentes em nomenclatura científica; (3) a uniformidade dos prefixos ou dos sufixos para os vocábulos designativos de fungos em várias das línguas indígenas, como é o caso da língua carajá, na qual, segundo as informações de Machado (1945, 1950, 1954), os fungos de grupos diversos como Agaricaceae e Polyporaceae recebem o mesmo sufixo *do-rro*, é seguro indicativo de possuírem os índios do Brasil uma intuitiva, embora primitiva, noção de taxonomia; o mesmo, entretanto, diante do atual estado de conhecimentos, não se pode afirmar com relação aos índios Borôro e outros, que designam os fungos em função de alguma característica, não oferecendo, através da nomenclatura, qualquer indício de uma possível ligação entre os diferentes tipos de fungos; (4) apesar de todos êsses dados, não podem os nossos índios ser considerados micófilos, pois em todos os casos, os fungos entram na vida do nosso silvícola de modo secundário⁵, não se conhecendo mesmo qualquer mito em que fungos desempenhem qualquer papel de destaque; aliás, em matéria de mitos, observa-se nítida influência da zoologia, predominando os mitos sôbre o jaboti, a onça, o jacaré, as rãs, etc. . .

1. RESUMO

Pelo presente trabalho, procurou-se reconstituir o conhecimento micológico dos índios brasileiros através de dados colhidos pelo homem civilizado. Apesar de não podermos considerá-los como micófilos, eles mostram não desconhecem os fungos. Têm vocábulos próprios para designá-los, os quais são reproduzidos neste trabalho e cujo número varia de acôrdo com a tribo. Em certos casos, pela uniformidade dos sufixos ou prefixos, demonstram os índios serem possuidores de uma primitiva noção de taxonomia micológica. Em alguns casos, fungos são assinalados como alimentos ou como medicamentos. *Gloeoporus conchoides* Mont. é pela primeira vez apontado como sendo a Polyporacea usada como alimento pelos Nambiquara.

2. SUMMARY

The present paper is a survey of the mycological knowledge of the Brazilian Indians. They are not mycophilous, but the fungi are not unknown to them. Many terms, reproduced in this paper, are used by them for fungi. The number of such terms varies from tribe to tribe. Often the uniformity of the suffix or prefix indicates that they have a primitive taxonomic notion about fungi. In some rare cases, fungi are used as food or as medicine. *Gloeoporus conchoides* Mont. is here reported as being used by the Nambiquara as food.

3. AGRADECIMENTOS

O autor é profundamente grato à Srta. Thekla Hartmann, etnóloga, instrutora da Cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, pela sua constante amabilidade em solver muitas de nossas dúvidas e pelas informações prestadas, e deseja, igualmente, manifestar seus agradecimentos ao Prof. Carlos da Silva Lacaz, diretor do Instituto de Medicina Tropical da Universidade de São Paulo e à Sra. Margareth Ursula Mee, ilustradora botânica do Instituto de Botânica de São Paulo, pelas informações prestadas.

NOTAS

1) Este nome encontra-se imortalizado na literatura brasileira pelo livro de Monteiro Lobato, *Urupês*, publicado pela Editôra Brasiliense de São Paulo e, em homenagem ao autor, Urupês passou também para a geografia dando nome à antiga cidade de Nôvo Mundo do Estado de São Paulo, localizada a 21° 13' de latitude Sul e 49° 16' de longitude W. Gr.

2) Tradução do autor. No trabalho de Berkeley encontra-se escrito Zucana e Janguareté, mas que deve ler-se Tucanos e Jauaretê.

3) Possivelmente *Humirium floribunda* Mart., espécie freqüente na região.

4) Esta referência de Spruce data do ano de 1852.

5) Segundo Harald Schultz, em informação pessoal, os índios Umutina do Alto Paraguai, Mato Grosso e os Suiá que vivem às margens do rio Suiamiçu, afluente do Rio Xingu, empregam os fungos como alimentos, crendo o informante que isto só acontece quando lhes falta comida, isto é, em caso de extrema necessidade.

4. LITERATURA CITADA

1. Albisetti, C. e A. J. Venturelli. *Enciclopédia Bororo, I. Vocabulário e Etnografia*. Museu Regional Dom Bosco. Campo Grande, 1962.
2. Almeida, E. P. *Micologia médica*. Cia. Melhoramentos. São Paulo, 1939.
3. Banner, H. Mitos dos Índios Kayapó. *Rev. Antrop.* São Paulo, 5 (1): 37-66, 1957.
4. Berkeley, M. J. Rio Negro Fungi. *Decades of Fungi* LI-LIV. 8: 129-144; LVII-LVIII. 8: 193-200. London, 1856.
5. Brade, A. C. A Suporema. *Bol. Mus. Nac.* 6: 303-305. Rio de Janeiro, 1930.
6. Heim, R. Notes préliminaires sur les Agarics hallucinogènes du Mexique. *Rev. mycol.*, 22 (1): 58-79. Paris, 1957.
7. Lacaz, C. S. *Manual de Micologia Médica*. 3a. ed., Livr. Ateneu. São Paulo, 1960.
8. Lévi-Strauss, C. Tribes of the right bank of the Guaporé River. In Steward, J. H. (ed.) *Handbook of South American Indians*. Bur. Amer. Ethnol. Bull. 143, 3: 371-379, Smithsonian Inst. Washington, 1946a.
9. The use of wild plants in tropical South America. In Steward, J. H. (ed.) *Handbook of South American Indians*. Bur. Amer. Ethnol. Bull. 143, 6: 465-486. Smithsonian Inst. Washington, 1946b.
10. Machado, O. X. B. Os Carajás. *Publ. Cons. Nac. Prot. Índios*. 104: 1-128. Impr. Nac. Rio de Janeiro, 1945.
11. — Nomes na língua carajá, de algumas plantas e animais do Brasil Central. *Arqu. Mus. Paranaense*, 8: 147-164. Curitiba, 1950.
12. — Botânica: plantas do Brasil Central. Contribuição ao conhecimento da flora do Brasil. *Publ. Cons. Prot. Índios*, anexo 5, 103: I-XI + 1-49. Impr. Nac. Rio de Janeiro, 1954.
13. Martius, K. F. P. von. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. São Paulo (tradução para o português por Pirajá da Silva, do original em alemão publicado em 1844), 1939.
14. Mense, H. Língua mundurucú. *Arqu. Mus. Paranaense*, 6: 107-148. Curitiba, 1947.
15. Montoya, A. R. *Gramática y diccionarios de la lengua tupi ó guarani*. Paris, 1876.
16. Pardal, R. *Medicina aborígen americana*. Buenos Aires, 1937.
17. Peckolt, T. e G. Peckolt, *História das plantas medicinais e úteis do Brasil*. Rio de Janeiro, 1888.
18. Rodrigues, J. Barbosa. 1905. *Mbaé Kaá Tapyiyetá Enoyndava. A Botânica e a nomenclatura indígena*. Impr. Nac. Rio de Janeiro, 1905.
19. Roquette-Pinto, E. Rondônia, *Arch. Mus. Nac.* 20: 1-252. Rio de Janeiro, 1917.
20. Roquette-Pinto, E. *Rondônia*. Cia. Ed. Nac. São Paulo, 1938.

21. Sampaio, A. J. *Alimentação sertaneja e do interior da Amazônia: onomástica da alimentação rural*. Cia. Ed. Nac. São Paulo, 1944.
22. Spix, J. B. von e K. F. P. von Martius. *Viagem pelo Brasil*, 2a. ed., São Paulo (tradução para o português por L. F. Lahmeyer do original em alemão publicado em 1823). 1938.
23. Stradelli, E. Vocabulário português-nheêngatu e nheêngatu-português. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Bras.* 104: 1-1141. Rio de Janeiro, 1929.
24. Viégas, A. P. A pedra flexível descrita por Anchieta. *Bragantia* 18: XXI-XXXVII. Campinas, 1959.